

Fotos: Arquivo pessoal

em artigos acadêmicos das principais instituições de ensino do mundo, como London Business School e Harvard. “Estava todo mundo querendo entender o que era isso e havia, inclusive, muita confusão em relação ao ESG. E foi assim que eu fiquei curiosa e decidi começar a estudar isso.”

Ela iniciou, então, uma especialização diferenciada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). “Eu tive muita sorte. Os professores tinham um viés crítico muito interessante já nessa época. Enquanto as outras escolas tinham embarcado na história de que o ESG era uma solução perfeita, a gente tinha um olhar crítico, mais cuidadoso. Então, eu me apaixonei pela área. Quando saí da Globo, eu estava pronta para começar um novo processo”, lembra.

Recomeço

Após se despedir da emissora, onde passou cerca de 24 anos de sua carreira, Giuliana recebeu muitos convites de trabalho no meio jornalístico, mas estava decidida a seguir novos caminhos. Ela também foi muito procurada por pessoas queridas e que lhe deram a mão. “Quero destacar a Angela Donaggio, que é uma consultora em ESG e palestrante. No dia seguinte, ela me ligou e falou: ‘Vamos em frente, minha filha, vamos trabalhar’. Então eu já estava conectada às pessoas certas, e tudo aconteceu naturalmente”, afirma.

Giuliana voltou a ser aluna e tem uma rotina de 12 horas de estudo. “Isso é muito rico para quem está na minha idade e fase de vida, ter essa possibilidade de recomeçar e assim, em alto estilo. Agora, estou num outro momento que tem um propósito também muito elevado. Mas não há sustentabilidade sem comunicação. Uni os dois e segui viagem.”

Ela faz cursos de educação executiva da consultoria Virtuous Company e, recentemente, concluiu o programa FemLeader, de formação de lideranças femininas. Sua área de maior interesse, no momento, é a economia circular. “Sou fascinada, me tornei palestrante em questões socioambientais e de governança, então estou sempre em busca do que há de mais novo nessa área para apresentar às empresas. As demandas são as mais diversas, eu nunca chego com uma receita pronta, é tudo customizado, uma cocriação.”

Algumas das grandes empresas para as quais já palestrou são:

Companhia Energética Minas Gerais (Cemig), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e a multinacional sueca Tetra Pak.

Livre e leve

Giuliana é da primeira geração de Brasília. Cresceu e se desenvolveu em sintonia com a cidade, com direito a brincadeiras de criança na rampa do Congresso Nacional. “Quando eu era pequena, a gente ia de bicicleta brincar no parquinho. E sabe o

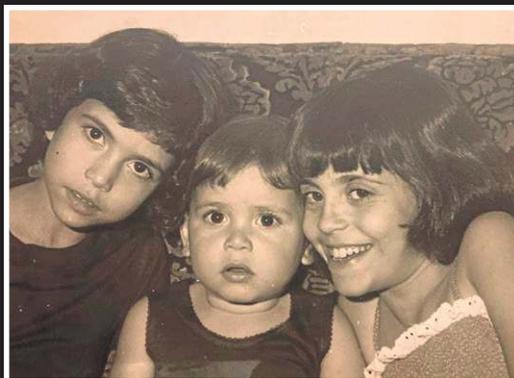
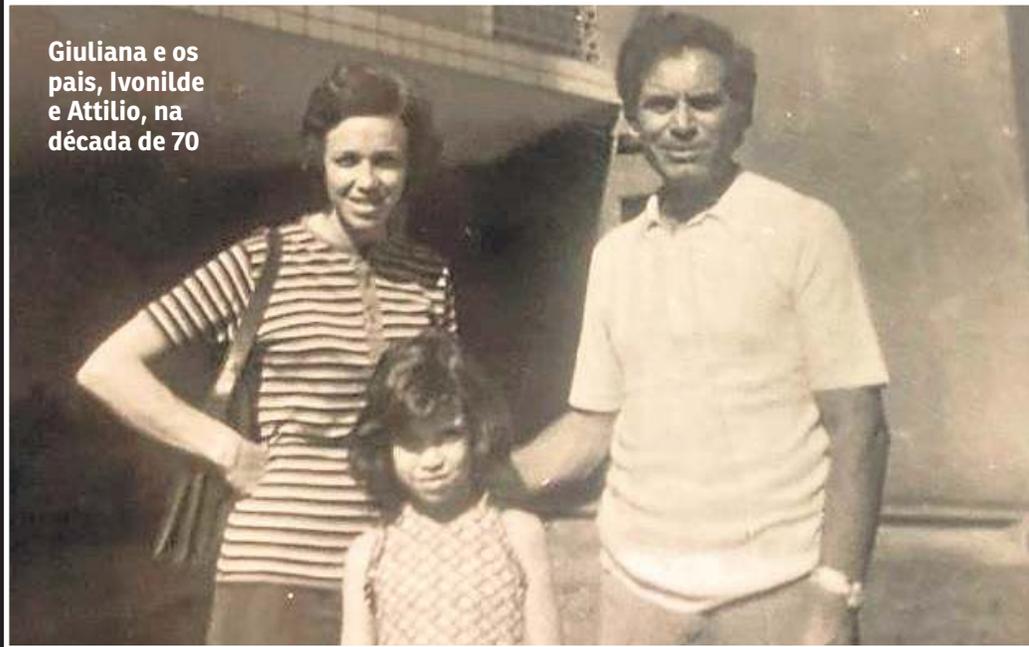
que era o parquinho? Meu pai levava um papelão e a gente ficava brincando de escorregar no gramado do Congresso. Então, minha cabeça, desde pequeníssima, sempre foi muito voltada para a política, nesse universo aqui de Brasília, que é muito particular, né?”, revive, nostálgica.

Italiano, seu pai, Attilio, veio para o Brasil no fim da década de 1950, em busca de melhores oportunidades. A cidade em que morava, Mondragone, foi base americana na Segunda Guerra

Mundial. Na época, ele era adolescente e teve a casa bombardeada. Chegou ao Rio de Janeiro, mas morou, inicialmente, em Belo Horizonte, onde conheceu a mãe de Giuliana num baile. “Ele a chamou para dançar e inventou que tinha uma câmera secreta na gravata para fotografá-la. Um tempo depois, eles se casaram e se mudaram para Brasília”, conta.

A mãe de Giuliana, Ivonilde, é educadora. Escreveu livros de alfabetização que ensinaram muitos brasilienses a ler

Giuliana e os pais, Ivonilde e Attilio, na década de 70



Os irmãos Carla (esquerda), Marcello e Giuliana (direita)



As irmãs nas cabanas do Parque da Cidade



Ivonilde e as filhas na Praça dos Três Poderes

e a escrever, entre eles, *Ataliba e Que Atleta!*, ainda procurados na capital. “Minha geração aprendeu a ler com os livros da minha mãe”, revela. A ligação com os irmãos, Carla (mais velha) e Marcello (mais novo), também contribuiu positivamente para seu crescimento. “Estou em Brasília por causa deles”, diz, referindo-se à forte conexão com os irmãos e com o filho, Filippo, hoje com 27 anos.

Inspiração

Giuliana estudou em escola pública boa parte da vida acadêmica. No ensino médio, foi para o Marista e, depois, formou-se em jornalismo na Universidade de Brasília (UnB), em 1989.

Perguntada sobre suas maiores inspirações, ela cita um professor do ensino médio que possibilitou sua primeira entrevista. “Eu tive um professor de biologia, professor Paulinho, e ele era sobrinho da Cora Coralina. Tinha um jornalzinho do colégio e eu a entrevistei por meio dele, e ali deu esse start de que eu queria jornalismo”, detalha.

Outra figura que influenciou a escolha foi o primo, Humberto Junqueira, publicitário que assinava quadrinhos no **Correio Braziliense** e que a levou para a área da comunicação. “Ele saiu na frente, sempre quis ser publicitário e assinou quadrinhos do **Correio** chamados *Eixinho, o Monumental*” — publicado de 1985 a 1995, Eixinho era um pássaro que morava em um ninho em cima do Congresso Nacional e fazia críticas ácidas ao poder e ao cotidiano da capital.

Fluidez

Para quem está em dúvida sobre a carreira, Giuliana aconselha: “Não busque o que você já sabe. Continue aprendendo sempre, vá para o novo. Às vezes, é difícil mesmo, mas tem por trás essa vontade de estar presente na vida, com sentido, de não estar aqui só cumprindo metas ou pagando boletos. Quando me permiti não ficar engessada e pensar ‘sou jornalista e só isso que eu posso ser’, para mim, fluiu com muito mais facilidade. Transição é uma fluidez.”

A palestrante acabou de escrever o livro *Mitos e verdades sobre o ESG*, que deve ser lançado até o final deste mês, e tem planos de seguir aprendendo. “Eu, com 57 anos, sou uma estudante, uma aprendiz.”